



# RELATOS DA EXPERIÊNCIA 2.0

*vivências em multiletramentos  
na educação básica*

Cláudia R. C. Arcenio

EDITORA **LUEMS**



# RELATOS DA EXPERIÊNCIA 2.0

*vivências em multiletramentos  
na educação básica*



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

*Reitor*

*Vice-reitora*

*Pró-reitora de Extensão, Cultura  
e Assuntos Comunitários*

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Laércio Alves de Carvalho

Luciana Ferreira da Silva

Érika Kaneta Ferri



*Chefe da Divisão de Publicações  
e Designer Gráfico*

*Editora*

*Revisora*

## DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES - EDITORA UEMS

Everson Umada Monteiro

Eliane Souza de Carvalho

Islene França de Assunção

## CONSELHO EDITORIAL

*Presidente*

*Conselheiros(as)*

Nataniel dos Santos Gomes

Alberto Adriano Cavalheiro

Beatriz do Santos Landa

Cíntia Santos Diallo

Claudia Andreia Lima Cardoso

Cristiane Marques dos Reis

Érika Kaneta Ferri

Eliane Souza de Carvalho

Islene França de Assunção

Marcos Antonio Camacho da Silva

Mirella Ferreira da Cunha Santos

Roberto Dias de Oliveira

*Cláudia R. C. Arcenio*

# **RELATOS DA EXPERIÊNCIA 2.0:**

*vivências em multiletramentos na educação básica*

© 2025 by Cláudia R. C. Arcenio.

Capa e projeto gráfico  
*Everson Umada Monteiro*

Imagens de capa e contracapa  
*Cláudia R. C. Arcenio*

Revisão final  
*Islene França de Assunção*

---

A699r      Arcenio, Cláudia Rodrigues do Carmo.

Relatos da experiência 2.0 : vivências em multiletramentos na educação básica  
/ Cláudia R. C. Arcenio. – Dourados, MS: Editora UEMS, 2025.  
81 p.

ISBN: 978-65-89374-45-9 (Digital)

1. Relatos de experiência 2. Multiletramentos 3. Educação básica 4. Trabalho  
docente I. Editora UEMS II. Título

CDD 23. ed. - 371.102

---

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)  
Bruna Peruffo Vieira – CRB 1/2959

Autorizamos a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos,  
desde que citada a fonte. Proibido qualquer uso para fins comerciais.

Direitos reservados à

**Editora UEMS**

Bloco A - Cidade Universitária

Caixa Postal 351 - CEP 79804-970 - Dourados/MS

(67) 3902-2698

editorauems@uems.br

www.uems.br/editora

Editora associada à



A Deus, sem o qual nada posso fazer,  
à minha família,  
aos meus queridos alunos,  
protagonistas em todas as vivências  
que este livro pretende compartilhar.

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>7</b>
<b>CAP. 1 - DIÁLOGOS</b> .....	<b>9</b>
1.1 Sementes teóricas .....	9
1.2 Por que socializar práticas?.....	13
<b>CAP. 2 - RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM MULTILETRAMENTOS</b> ..	<b>13</b>
2.1 Viajando em contos da África .....	19
2.2 Memórias do tempo presente: um <i>podcast</i> de representações do ano de 2020 .....	29
2.3 Há um micromundo em cada palavra.....	43
2.4 <i>TikTok</i> biografias da Semana de Arte Moderna.....	55
2.5 Seminário “As Cores do Brasil” .....	64
<b>CAP. 3 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>73</b>
3.1 Apontamentos finais .....	73
3.2 E, para encerrar, um convite.....	75
<b>POSFÁCIO</b> .....	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>78</b>
<b>SOBRE A AUTORA</b> .....	<b>81</b>

# PREFÁCIO

*Adriana Carvalho Lopes<sup>1</sup>*

Centrada em vivências de sala de aula, esta obra traz possibilidades para refletirmos criticamente sobre as práticas pedagógicas de ensino da leitura e da escrita, tendo como eixo o trabalho com diversos gêneros textuais que circulam nas sociedades contemporâneas, dentro e fora da escola. O livro é um belo convite para (re)pensarmos as práticas de letramentos e o saber-fazer docente construídos no entrelaçamento entre teoria e prática.

O primeiro capítulo traz possibilidades teóricas-conceituais que fundamentam o trabalho docente em cada sequência didática, apresentada no decorrer do livro. Esses apontamentos podem contribuir para aprofundar as discussões sobre os letramentos e as práticas de leitura e escrita no espaço escolar. Os capítulos que se seguem trazem diversas experiências em sala de aula, contribuindo para discussões metodológicas e conceituais por meio de vivências interdisciplinares desenvolvidas em salas de aula, situadas em regiões periféricas e populares do estado do Rio de Janeiro.

Com linguagem simples e objetiva, sem perder a complexidade que envolve o saber-fazer docente, o livro é uma conversa com os leitores na qual a autora compartilha generosamente trechos de sua vida como professora. E, assim, em meio a essa conversa, nos convida a escrever sobre nossas próprias práticas, uma vez que a escrita docente é entendida como uma “via de mão dupla” – ao mesmo tempo que nos forma, nos dá oportunidade de contribuir para a formação do outro.

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, graduada em Letras, Doutora e Mestre em Linguística. Pesquisadora e escritora em juventudes, letramentos, relações étnico-raciais e de gênero a partir de perspectivas interdisciplinares. Atua na formação de professores em língua portuguesa, articulando desenvolvimento linguístico, social e humano.



## CAPÍTULO 1

# DIÁLOGOS

### 1.1 SEMENTES TEÓRICAS

Os significados de saber ler e escrever não são atemporais. Os contextos históricos, políticos, culturais, sociais, econômicos e educacionais atravessam a construção desses conceitos a cada temporalidade. Basta lembrar que, para o censo demográfico, até a década de 1940, eram considerados como alfabetizados os sujeitos que assim se autodeclaravam, e isso poderia ser compreendido como a habilidade de escrever seu próprio nome. Podemos inferir que essa, talvez, fosse a prática letrada mais necessária ou de uso mais corrente socialmente naquela temporalidade.

Atualmente, o espectro e o significado da escrita do nome próprio ainda se relacionam culturalmente com a habilidade de saber ler e escrever. Ilustra essa afirmação a vivência que tive há pouco tempo na Educação de Jovens e Adultos (EJA) quando fui surpreendida com o relato de uma aluna

sobre sua felicidade ao assinar seu nome durante uma consulta médica, não necessitando mais usar sua digital para isso. Assinar com a digital ainda é uma marca que caracteriza o sujeito considerado analfabeto no Brasil. O interessante é que, nesse contexto tecnológico em que vivemos, as digitais estão retornando com outra roupagem não estigmatizada para identificação dos sujeitos, como acontece nos aparelhos celulares e caixas eletrônicos mais avançados.

Em meio às discussões sobre os usos da leitura e da escrita, surge no Brasil, ao final da década de 1980, o conceito de letramento. Esse conceito se refere às práticas sociais de leitura e de escrita, discutindo sobre a função social da língua escrita nas sociedades que dela fazem uso. A partir desse conceito inicial, constroem-se outras vertentes compreendendo o termo como plural. Essa pluralidade se refere à multiplicidade de contextos e possibilidades de uso da língua escrita em práticas sociais e está intimamente ligada à variedade de gêneros discursivos.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros discursivos são tipos de enunciados relativamente estáveis quanto ao conteúdo temático, estilo e construção composicional que circulam e se produzem nas esferas de atividade humana. Essas esferas se referem à infinidade de contextos (familiar, artístico, jurídico, escolar etc.) em que os seres humanos estão inseridos, sempre relacionadas ao uso da língua, portanto, é esse uso, concretizado por meio de enunciados orais e escritos, que dá origem aos gêneros do discurso.

Tal como são variadas e inesgotáveis as atividades humanas, também são variados os gêneros discursivos. Isso significa dizer que, dentro de cada esfera, se produzem determinados gêneros, e cada gênero poderá representar um letramento específico. Leitura e escrita não são, portanto,

práticas sociais cristalizadas, mas se elaboram e se desenvolvem conforme as demandas das relações sociais. Isto é, os enunciados que emergem de uma determinada esfera podem diferir ou aproximar-se em diversos aspectos uns dos outros. Os gêneros que emergem da esfera acadêmico-científica, por exemplo, diferem em vários aspectos dos que circulam nas redes sociais. Ambos possuem sua função social, mas se distinguem em intencionalidade, ambiente de circulação, linguagem, estrutura etc. Contudo, para compreender o que querem expressar, é preciso possuir um certo letramento em quaisquer das situações.

As redes sociais têm produzido uma infinidade de novos gêneros, que são marcados pela multisssemiose ou pela multimodalidade para a construção de sentidos. A multisssemiose e a multimodalidade se referem à combinação entre linguagens (verbal, não-verbal e mista) que pode ser encontrada nos textos e aos diversos modos de se comunicar presentes em um mesmo enunciado. Assim, os textos produzidos no ambiente das redes sociais têm se configurado como textos mergulhados em suas temporalidades, e, comumente, passado o contexto momentâneo e imediato, seus significados se perdem ou são modificados.

Os memes exemplificam bastante essas afirmativas. Os vídeos do *TikTok* também podem se configurar como textos multimodais, pois, muitas vezes, em combinação, as legendas, dublagens e imagens estáticas atuam de forma colaborativa para retirar do contexto os vídeos sobre determinados acontecimentos, trazendo humor a situações sérias. Dado esse toque humorístico e crítico, costumo afirmar que esses gêneros, quando assumem essas características, têm as charges como parente ancestral.

A escola é parte integrante e até estruturante de nossa sociedade letrada contemporânea e tem como uma de suas funções auxiliar na apropriação e na ampliação das habilidades de leitura e escrita. Este livro nasce da vivência nesse espaço social enquanto professora de língua portuguesa na Educação Básica, em escolas públicas de regiões periféricas do estado do Rio de Janeiro. Está organizado de forma que cada capítulo corresponde a um relato de prática. Esse tipo de gênero textual transita pela esfera acadêmica, pois se constitui como um texto reflexivo que busca retratar as experiências docentes, podendo estabelecer inteligibilidade entre as teorias e a prática pedagógica cotidiana. É, portanto, um livro que apresenta práticas educativas que tiveram por objetivo auxiliar os alunos nessa apropriação, tendo como eixo os variados gêneros textuais multimodais que circulam em nossa contemporaneidade, e como metodologia, o desenvolvimento de sequências didáticas que têm como arcabouço teórico a pedagogia dos multiletramentos.

Segundo Rojo (2012), os multiletramentos vinculam-se à multiplicidade cultural, linguística e semiótica dos textos. Desse modo,

(a) Eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) Eles fraturam e transgredem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, as ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) Eles são híbridos, fronteiros, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (Rojo, 2012, p. 23).

Nesse sentido, pontuamos que a sequência didática é uma forma de organização pedagógica que articula diferentes atividades com objetivos pré-definidos e etapas interligadas que buscam favorecer o processo de ensino-aprendizagem de determinada habilidade, competência ou conteúdo.

A pedagogia dos multiletramentos, segundo Rojo (2015), busca facilitar, ampliar e favorecer a apropriação de práticas sociais de leitura e escrita em um contexto no qual a multissemiose é constitutiva dos sentidos, compreendendo que há uma multiplicidade de linguagens nos textos impressos, digitais, escritos, em mídias audiovisuais, e que toda essa multimodalidade age de forma colaborativa para a interpretação, fruição e construção de sentidos dos textos que circulam em nossa contemporaneidade.

## 1.2 POR QUE SOCIALIZAR PRÁTICAS?

Uma inquietação perpassou cada aula, cada curso ou palestra nas formações de professores de que participei. Sempre ouvia os colegas de profissão comentarem: *Tudo isso parece muito bom, mas como pode ser efetivado nas salas de aula?*

Essa inquietação reflete muito dos processos históricos da formação inicial de professores no Brasil que é marcado por um quadro de descon continuidades e intermitências que, por vezes, relegaram as questões sobre a prática pedagógica para um segundo plano. Atualmente, a formação inicial de professores pode ser realizada em cursos de graduação de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e em cursos de segunda licenciatura, destinando-se àqueles que pretendem:

[...] exercer o magistério da educação básica em suas etapas e modalidades de educação e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, compreendendo a articulação entre estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino (Brasil, 2015, p. 28).

Em contraste com os apontamentos da referida legislação, figura, entre os pontos mais comentados na literatura (André, 2013; Gatti, 2010; Libâneo, 2015), a crítica à dissociação entre os conhecimentos teórico-conteudistas e didáticos-pedagógicos que devem constituir essa formação. Factualmente, podemos afirmar que há uma certa fragilidade na formação inicial oferecida quanto às questões pedagógico-didáticas, ou seja, as que apontam mais diretamente para o fazer docente, ou a prática pedagógica.

Saviani (2009) afirma que essa fragilidade é uma questão histórica que se relaciona com os espaços formativos e suas configurações. Desse modo, o autor defende que as universidades se centram em um modelo formativo no qual a formação do professor se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento correspondente à disciplina que irá lecionar.

É possível argumentar que parte dessa fragmentação está relacionada à continuidade da cultura de formação 3+1. Esse modelo formativo surgiu nos anos de 1930 e consistia em acrescentar aos cursos bacharéis já existentes mais um ano de disciplinas pedagógicas. Regulamentado em 1939 pelo Decreto-lei nº 1.190/1939, observa-se uma forte fragmentação entre os conhecimentos, pois o enfoque se estabelecia na formação teórico-conteudista. Mesmo após diversas mudanças na legislação brasileira, o espectro desse modelo parece cercear, ainda hoje, a formação inicial de professores. Isso significa dizer que, apesar das constantes reformas e diretivas referentes à formação docente, ainda é possível observar uma distância entre os conteúdos específicos que serão lecionados e os conhecimentos que se associam mais diretamente à prática pedagógica.

Em nossa contemporaneidade, podemos citar algumas iniciativas capazes de auxiliar a dissolver essa dicotomia no contexto universitário: o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Residência Pedagógica (PRP). O PARFOR é um plano de formação emergencial instituído em 2009 que se destina a oferecer aos professores em exercício nas redes públicas de ensino cursos de formação inicial em nível superior, além de cursos de formação continuada. O programa trouxe os professores e toda sua experiência diária construída no ofício para dentro das universidades, possibilitando outro olhar para a formação, inclusive no que se refere ao papel do estágio supervisionado para consolidá-la. Nesse contexto, as questões de ordem prática vivenciadas no cotidiano fazem parte do ambiente formativo, contribuindo para que se realizem outras possibilidades de discutir a prática docente dentro da formação.

Criado em 2010, o PIBID pretende melhorar a formação inicial dos futuros professores, promovendo, entre outras coisas, um maior contato e possibilidades de convivência com o cotidiano da Educação Básica. Desse modo, se caracteriza por constituir uma experiência que favorece a vivência no cotidiano escolar, contrastando com a cultura formativa que prioriza apenas as faces teórico-conteudistas.

Mais recentemente, em 2017, foi desenvolvido o PRP, que também visa fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática à medida que proporciona aos discentes dos cursos de licenciaturas, por meio de bolsas e editais específicos, uma maior vivência nas redes de ensino da Educação Básica, tendo como um dos objetivos favorecer a pesquisa sobre a prática mediada

pela convivência com professores mais experientes em pleno exercício da profissão.

Nesse ponto, podemos aproximar o diálogo sobre a formação de professores com o que a literatura da área tem designado de “desenvolvimento profissional docente.” O conceito refere-se a uma atitude formativa permanente que busca indagar e analisar situações-problema que emergem do campo educacional, valorizando também o diálogo com os colegas mais experientes (Marcelo, 2009).

A socialização de práticas está situada nesse espectro do desenvolvimento profissional. Tal troca de experiências pode auxiliar a consolidar as formações realizadas, trazendo materialidade e inteligibilidade entre os conhecimentos, compreendendo que o professor pode estar nesse lugar de produção de conhecimento didático-pedagógico, um conhecimento forjado no interior das realidades escolares.

Por esse recorte, a escrita de relatos de experiência pode funcionar como instrumento formativo que atua em duas pontas de uma mesma via. Em uma ponta, proporciona um momento de análise sobre as próprias práticas que pode gerar movimentos autoformativos, pois nos leva a pensar sobre as formas de trabalho docente, a seleção de conteúdos e metodologias, a motivação para o desenvolvimento de uma determinada prática e a avaliação desse trabalho. Na outra ponta, existe um movimento de participar da formação do outro, compartilhando ideias e vivências construídas durante o ofício, permitindo que o outro também engendre um caminho próprio de análise e avaliação dessas práticas. Tal caminho passa por essa socialização de ferramentas que podem auxiliar na construção de novas práticas pedagó-

gicas, servir como referência para situações de ensino-aprendizagem e para superação das dificuldades inerentes ao fazer docente cotidiano.

Portanto, tanto a escrita quanto a leitura de relatos de experiências podem contribuir para a formação de professores, auxiliando na construção de vínculos colaborativos entre os conhecimentos outrora dissociados, colaborando para se pensar a construção de caminhos para a inquietação inicial desse tópico: *Como posso efetivar tudo isso nas salas de aula?*

O objetivo desta escrita é registro e partilha. Acreditamos que as experiências compartilhadas podem ser sementes que, ao serem lidas, adaptadas e transformadas, podem frutificar em cada espaço-tempo de nossas salas de aula.



## **CAPÍTULO 2**

# **RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM MULTILETRAMENTOS**

## **2.1 VIAJANDO EM CONTOS DA ÁFRICA**

A seguinte sequência visava propor escritas significativas aos alunos do 7º e 8º ano da Escola Municipal Herbert Moses, situada na região urbana de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Foi desenvolvida de forma a facilitar aprendizagens em leitura e escrita e em elementos da gramática normativa, durante o segundo semestre de 2017. A sequência tomou proporções significativas, transformando-se em um projeto multidisciplinar cuja culminância envolveu diversas disciplinas e anos de escolaridade do segundo segmento do ensino fundamental na unidade escolar.

Ainda nessa proposta, articulamos o cumprimento da Lei nº 10.639/03 no sentido de valorizar a cultura africana como constituinte da cultura nacional, a fim de gerar aprendizagens favorecendo a desconstru-

ção de preconceitos e conceitos enraizados na forma de pensar e ver dos alunos. Trata-se do “pensar” na perspectiva de romper conceitos socio-historicamente constituídos que pressupõem a cultura africana como inferior e menos complexa que as demais produções culturais europeias, mostrando formas outras de pensar o mundo que nos cerca, tecendo saberes e valorizando as contribuições desses povos para a formação da cultura brasileira; e o “ver” como o preconceito estético que inferioriza os traços e feições trazidos das mais diversas etnias africanas, hoje miscigenadas em nosso país. Assim, o projeto buscou articular escritas significativas à desconstrução de preconceitos e à valorização das contribuições da cultura africana na formação da cultura nacional.

Nesse sentido, teve como principais objetivos:

- conhecer e observar elementos da cultura africana, bem como observar o imaginário simbólico dos contos africanos, auxiliando na desconstrução de preconceitos quanto à inferioridade da produção cultural africana em relação à europeia;
- reconhecer elementos culturais oriundos de países africanos, valorizando as contribuições dessas matrizes para construção de nossa cultura;
- desconstruir a ideia de panafricanismo, que se configura como um conceito que entende todo continente africano com um só país, povo e cultura;
- trazer visibilidade aos preconceitos enraizados em comentários, falares, “chacotas” realizadas entre os colegas de classe a fim de desconstruí-los;

- propor múltiplos letramentos, ampliando as práticas sociais de leitura e escrita dos alunos quanto ao acesso a outras produções culturais.

## >> Planejamento

Realizamos um levantamento dos recursos disponíveis na unidade escolar e a seleção dos materiais, vídeos e livros a serem utilizados no projeto.

## >> Lendo e assistindo

Tomamos por ponto de partida um desenho animado, produzido em Nairobi pela Homeboyz Animation e que possui traços encantadores e uma arte diferenciada, chamado “Contos do Tinga-Tinga”. O desenho retrata contos populares de diferentes países africanos e que refletem o imaginário simbólico de alguns países da África, incluindo o Quênia, país de sua produção. A música é produzida pelo cantor e compositor queniano Eric Wainaina. A série foi escolhida para o projeto tanto pela temática quanto pelo contexto de produção.

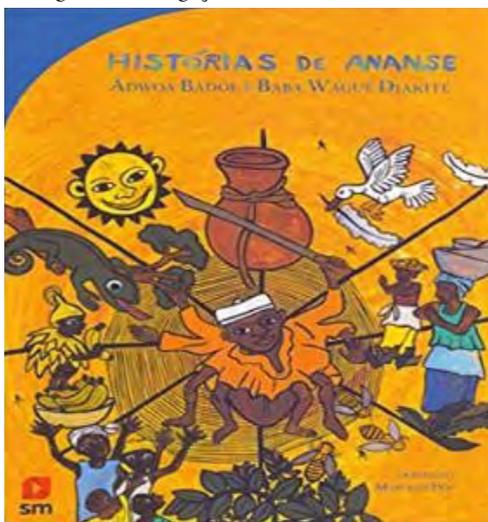
Além disso, nos utilizamos de um livro chamado *Histórias de Ananse*, uma coletânea de contos transmitidos oralmente e bastante populares em Gana e que falam de costumes, ética e respeito. Escrito por Adwoa Badoe, a obra foi empregada para conhecer outras produções culturais.

**Figura 1** – Imagem de divulgação do desenho contos do Tinga-Tinga



Fonte: Tinga [...], 2010.

**Figura 2** – Imagem de divulgação do livro Histórias de Ananse a Aranha



Fonte: Histórias [...], [20--].

## >> Escrita coletiva e escrever de memória as histórias contadas nos desenhos

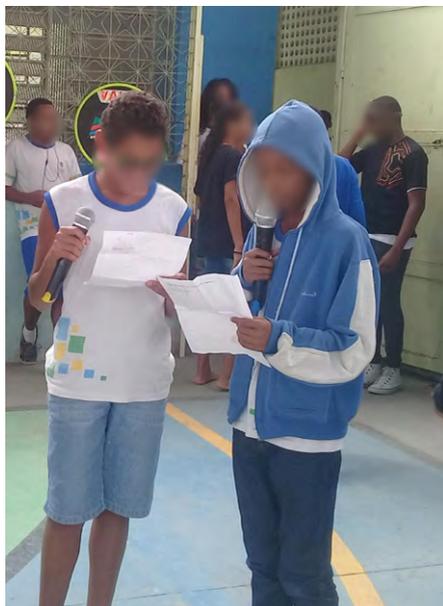
Após assistir a alguns episódios da série, os alunos foram convidados a escrever, de memória, os contos que consideraram mais interessantes. O primeiro conto foi produzido coletivamente. Durante essa escrita, foram trabalhados elementos essenciais da narrativa, a pontuação, a construção de parágrafos e o essencial sobre concordância verbal e nominal. Para a atividade, a professora se posicionou como escriba da história ditada pelos alunos, para, depois, organizar coletivamente o texto, aplicando os conteúdos citados durante a produção textual. Nesse contexto, consideramos essenciais os pontos sobre concordância que costumam estigmatizar socialmente. Posteriormente, os alunos fizeram suas escritas individuais. Os textos produzidos foram expostos e lidos no dia da culminância do projeto durante o “Varal da Leitura”, momento e lugar escolhido para a exposição dos materiais.

Figura 3 – Varal da leitura



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 4** – Alunos lendo seus textos no dia da culminância do projeto



Fonte: Acervo pessoal.

## >> **Discutir e conhecer a geografia do continente africano**

Com o auxílio da professora de Geografia, os alunos realizaram atividades com o objetivo de desconstruir a ideia de panafricanismo, compreendendo que o continente africano possui países, culturas, etnias plúrais e que algumas dessas culturas contribuíram para formação da cultura nacional.

## >> Produção artística e cultural do continente

Com o auxílio da professora de Artes, os alunos conheceram e realizaram releituras de diferentes produções e manifestações artísticas de alguns países africanos: quadros, cenários, bonecos, máscaras, danças, enfim, uma pluralidade de produções artísticas que foram exploradas. Além disso, outros professores se envolveram criando painéis com personalidades negras, grupos de danças brasileiras de matriz africana. A professora de Educação Física trouxe grupos de capoeira e elaborou atividades para os alunos aprenderem brincadeiras e jogos, e organizou um desfile de moda, com o objetivo de valorizar a beleza e promover mais autoestima para os alunos.

**Figura 5** – Dança



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 6** – Jogos africanos



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 7** – Mural máscara africana



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 8** – Mural personalidades negras



Fonte: Acervo pessoal.

## >> Dia de teatro

Selecionamos um dos contos de Ananse para apresentar em formato de peça teatral. Para isso, escolhemos os alunos que seriam personagens, desenvolvemos o cenário, dividindo a turma do 9º ano em grupos responsáveis para realizar cada parte da produção do espetáculo.

**Figura 9** – Alunos representando “Ananse o senhor das histórias”



Fonte: Acervo pessoal.

## >> Rodas de conversa

Em cada uma das atividades propostas, os docentes envolvidos desenvolveram, com as turmas, debates sobre preconceito e valores, utilizando-se de notícias atuais sobre o tema, de forma a favorecer a desconstrução de preconceitos, reforçar valores de respeito à diferença e promover uma postura antirracista dentro da escola.

## >> Dia de expor, aprender e brincar

Finalizadas as produções, realizamos um evento para exposição e socialização das aprendizagens e das manifestações artísticas produzidas no decorrer do projeto. Toda a ornamentação do evento foi constituída da produção dos alunos, a partir do “Mural das Artes” e do “Varal da Leitura”, além de ser o momento escolhido para a realização coletiva de brincadeiras e jogos, bem como para assistir às apresentações artísticas desenvolvidas no projeto.

**Figura 10** – Culminância do projeto



Fonte: Acervo pessoal.

## >> Avaliação

O projeto contribuiu para que uma cultura antirracista começasse a ser gerada na escola. A proposta tomou proporções significativas e promoveu aprendizagens em diversas áreas de conhecimento. A leitura de diversos livros, as discussões e rodas de conversa com ênfase na valorização das marcas físicas da ancestralidade, como a forma dos cabelos, traços e demais fenótipos também contribuíram para iniciar uma desconstrução do preconceito estético e reduzir as falas de cunho racista que alimentam preconceitos e desgastam a autoestima dos estudantes.

Evidentemente, não é possível, por meio de apenas uma ação como essa, desconstruir uma cultura racista estruturalmente enraizada em nossa contemporaneidade. Mas, com certeza, o projeto contribuiu para a visualização dessas estruturas, promovendo uma valorização da produção cultural e trazendo para o centro das salas de aula essa temática que atravessa nossa sociedade e nosso cotidiano.

## 2.2 MEMÓRIAS DO TEMPO PRESENTE: UM *PODCAST* DE REPRESENTAÇÕES DO ANO DE 2020

Solto a voz nas estradas  
 Já não quero parar,  
 Meu caminho é de pedra,  
 Como posso sonhar?  
 [...]  
 Já não sonho  
 Hoje faço  
 Com meu braço  
 Meu viver  
 (Travessia, 1967).

A travessia do biênio 2020 – 2021 foi atípica, devido à pandemia de covid-19 que assolou o Brasil e o mundo. Enquanto professora, tive que me reinventar criando modos virtuais de vivenciar a sala de aula, de me comunicar com os alunos, de viver o cotidiano escolar, pois a maioria das interações diretas com os estudantes passou a ser realizada por intermédio das tecnologias. Além disso, foi necessário refletir sobre quais conteúdos seriam indispensáveis num contexto tão assolador.

Leciono na Escola Municipal Professora Edyr Ribeiro, situada em Nilópolis, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Essa localidade configura-se socio-historicamente como periferia do estado, estabelecendo-se como um espaço que abriga, quase que em totalidade, famílias de classes populares. Nessa escola, estou trabalhando com três turmas de sexto ano, as quais iniciaram o ano de 2021 de forma remota.

Assim que assumi as turmas, a equipe pedagógica da escola apresentou-me a proposta de participar das Olimpíadas de Língua Portuguesa. Nunca havia participado desse projeto e pensei o quão desafiador seria motivar os alunos a participarem, uma vez que não tínhamos um contato presencial com eles. Quando li os cadernos e o gênero textual escolhido para o sexto ano, apresentou-se mais um desafio: a proposta era que os alunos entrevistassem pais, avós e pessoas mais velhas, a fim de conhecer a história do bairro, da cidade, do município, eventos ou festas culturais.

Nesse contexto, como trabalhar com esse tipo de memória literária, em um momento em que muitos perderam seus familiares para a doença, que, desde o princípio, foi especialmente devastadora para pessoas idosas? Com esse questionamento em mente, tive a ideia de dar protagonismo às memórias dos próprios alunos sobre o ano de 2020, buscando ouvir as his-

tórias que eles tinham para contar de um tempo tão diferenciado em suas vidas.

Certa vez li uma frase interessante de Minkonvky (apud Araújo, 2010) que dizia: “Não há quem tenha visto um lugar a não ser em um certo tempo. Nem um certo tempo a não ser em um certo lugar”. Isso significa dizer que o substrato de tempo vivido por esses alunos, naquele momento pandêmico, reúne também especificidades únicas quanto à percepção do local onde vivem. A partir desse insight sobre as relações entre o tempo e o espaço em que vivemos, surgiram o título e as ideias para a adaptação das atividades.

Desse modo, entendemos que as “memórias do tempo presente” são essas memórias que ainda estão transbordantes de contemporaneidade, relacionando-se com o presente vivido durante as escritas dos textos, à medida que a pandemia, juntamente com as limitações que ela impôs, ainda não haviam terminado.

A escola funcionava com a entrega de apostilas semanais e grupos de *WhatsApp*. Dessa forma, procuramos desenvolver a proposta em duas frentes: uma com atividades impressas nas apostilas e outra por meio do aplicativo e das mídias sociais. O foco do relato presente nesta obra será a partir das experiências desenvolvidas mediante o grupo do *WhatsApp* e das mídias, uma vez que essas ferramentas proporcionaram maiores oportunidades de acompanhamento e inferências nas produções dos estudantes. A interação virtual revelou também a face excludente do uso das tecnologias e da Internet durante a pandemia, posto que algumas famílias até possuem aparelhos celulares, mas não têm acesso contínuo à rede, o que poderia difi-

cultar a continuidade nas propostas desenvolvidas. Ainda assim, foi possível desenvolver um trabalho significativo com as turmas.

Por meio do grupo oficial de *WhatsApp* da escola, fizemos uma espécie de convocação, chamando todos os alunos para participarem das olimpíadas, ingressando em um grupo específico para o desenvolvimento das atividades a ela relacionada. Desenvolvemos uma sequência didática adaptada ao formato virtual, organizada em 5 etapas interligadas e confluentes entre si, cuja execução durou cerca de um semestre. As etapas da sequência foram apelidadas de “fases” de modo que sempre que todos concluíam as etapas propostas havia uma espécie de comemoração no grupo. Procurei incentivar bastante os alunos através de emoticons, gifs e mensagens que buscavam exaltar o trabalho que eles desenvolveram. Esse “reforço afetivo” trouxe muitos resultados positivos, principalmente no processo de produzir afetividade e respeito entre os alunos e professora. A estratégia deu tão certo que mantivemos o grupo mesmo após o término das atividades propostas.

Figura 11 – Card convite



Fonte: Acervo pessoal.

A primeira etapa foi de ambientação, conhecimento e interação entre professora e estudantes. Conversamos sobre seus gostos, preferências e atividades favoritas em suas vidas dentro e fora do ambiente escolar. Esse momento de acolhimento foi importante para desenvolver um relacionamento de confiança e respeito entre os participantes, carinhosamente chamados de “atletas olímpicos.” Também nessa fase de acolhimento, conversamos sobre a palavra “memória”, convidando-os a revisitar o passado, escolhendo uma foto significativa que representasse o ano de 2020 para eles.

Após esse primeiro momento, apresentei aos alunos a proposta da criação de um *podcast* com suas memórias sobre o referido ano. Explicamos aos estudantes como se daria a experiência, o que era um *podcast* e de que forma suas produções seriam publicadas. Observamos a possibilidade de mudanças e adaptações caso a proposta não fosse interessante para eles, porém os alunos gostaram bastante da ideia e do produto da sequência didática. A partir dessa concordância, iniciamos a segunda fase, que foi caracterizada pela realização das entrevistas. Explicamos aos alunos as características desse gênero, criamos *posts* explicativos e lemos entrevistas realizadas em jornais e revistas.

Figura 12 – Post explicativo: Entrevista



Fonte: Elaborada pela autora.

Para que os estudantes observassem a prática da realização de entrevistas, convidei a estagiária de língua portuguesa para a realização de uma entrevista comigo no grupo da turma. Ao final dessa aproximação com o gênero, dividimos os alunos em duplas ou trios, por meio de pequenos grupos no aplicativo, para que eles entrevistassem uns aos outros a partir da elaboração coletiva de um roteiro semiestruturado, que teve por foco

as fotos enviadas na fase de acolhimento, investigando como havia sido, na percepção de cada um, o ano sem aulas presenciais.

A terceira etapa foi desenvolvida com a criação de um mural virtual no aplicativo Padlet, a fim de as crianças colocarem as fotos que elas escolheram para representar suas memórias na etapa de acolhimento, elaborando uma legenda explicando o porquê da escolha daquela foto. Criei publicações esclarecendo aos alunos como utilizar o aplicativo, além de auxiliá-los, por meio de mensagens de texto, a realizarem suas publicações.

**Figura 13** – Post explicativo Padlet

**PASSO A PASSO DO MURAL**

1. Clique no link  
Vai abrir essa página ai.
2. Aperte esse botão RO  
de mais no final da tela
3. Escreva seu nome  
onde está escrito título
4. Coloque sua foto  
usando esse botão
5. Escreva sua legenda  
Clique em salvar e  
Depois publicar

**Pronto!**

SALVAR PUBLICAR

Fonte: Acervo pessoal.

Utilize o QR Code para ter acesso ao Padlet dos alunos, socializado nas redes sociais da prefeitura:



Para a escrita, buscamos orientá-los quanto ao gênero textual “legenda”, fazendo publicações sobre o gênero e apresentando alguns exemplos.

Como as aulas se mantiveram remotas até meados do mês de junho, a escola começou a organizar aulas no Google Meet, a fim de auxiliar os alunos na aprendizagem dos conteúdos. As aulas eram ministradas a todas as turmas, e os temas escolhidos deveriam ser abrangentes. Escolhi o tema “Gêneros Textuais” a fim de consolidar algumas aprendizagens quanto ao trabalho desenvolvido com diferentes gêneros textuais nas olimpíadas. Todos os “atletas olímpicos” se esforçaram para participar, pois estavam curiosos para saber como era a “professora Cláudia” dando aulas. Foi interessante me contarem essa motivação para estarem “presentes” nessa aula específica, pois era o tipo de informação que eles teriam já no primeiro dia de aula, se em circunstâncias normais.

Começamos a trabalhar a produção individual dos textos. Cada aluno deveria produzir uma memória literária sobre a vida de outro colega, tendo como base as entrevistas realizadas na etapa anterior. Mais uma vez, procurei ambientar os alunos com o gênero textual que eles iriam escrever. Lemos algumas memórias e produzimos uma memória literária a partir da entrevista realizada pela estagiária. Todos esses movimentos eram realizados por meio de mensagens de áudio ou texto no aplicativo do *WhatsApp*. Para facilitar a produção individual dos alunos, criamos um formulário no *Google Forms* com o objetivo de organizar o texto em parágrafos. Essa ideia foi executada, mas não atingiu minhas expectativas. Acredito que se os alunos tivessem escrito seus textos diretamente, sem a interferência dessas perguntas geradoras a cada parágrafo, o processo criativo poderia ser diferente.

Figura 14 – Post explicativo memórias

Consiste em através de entrevistas elaborar um texto narrativa em primeira pessoa de forma a "remontar"

Memórias LITERARIAS

Leia a memória literária a seguir Para entender melhor esse gênero textual.

Leia a memória literária a seguir e depois reflita (responda mentalmente) as questões propostas

Montes Claros criança em 1953

Haroldo Lívio

Esta crônica é só para registrar lembranças que não couberam na outra em que contei minha chegada nesta cidade, há sessenta anos passados. Não falei do mercado municipal, onde pulsava o coração da pequena metrópole sertaneja. Era ali, por perto dele, que aconteciam os fatos mais importantes do cotidiano. Negócios, comícios, mortes, prisões. Quem fosse ao mercado voltava para casa sempre trazendo novidades. Seu relógio marcava as horas e era ouvido longe, porque não havia o barulho do trânsito nem prédios altos impedindo a propagação do som.

Fonte: Acervo pessoal.

O objetivo do *Forms* tinha mais relação com a estrutura do gênero, aspecto em que houve êxito, mas fiquei refletindo se essa ênfase estrutural, ainda que necessária para a composição da escrita, não afetou de algum modo o estilo de cada aluno-autor.

Figura 15 – Google Forms



**Memórias do tempo presente**

Esse formulário é para te ajudar a construir o texto da olimpíada.  
Qualquer coisa só chamar a prof. no WhatsApp! 📞

Escreva seu nome e sua turma: \*

Texto de resposta curta

**AGORA VAMOS COMEÇAR A MONTAR O TEXTO:** *Você deve escrever como se você fosse a pessoa que entrevistou. Olhe a entrevista para pegar as informações. Comece contando o nome da pessoa, onde e quando ela nasceu e onde ela mora. Lembre-se, você está contando uma história...*

Texto de resposta longa

**AGORA COMEÇANDO COM A FRASE \*** *Se bem me lembro\** Conte como foi o ano de 2020 da pessoa entrevistada.

Texto de resposta longa

**Agora, CONTE com suas palavras, como se fosse você mesmo contando, como é quando a pessoa descobriu que não haveria mais aulas presenciais.**

Texto de resposta longa

**Agora conte sobre a foto que a pessoa escolheu, como se fosse algo bom que aconteceu em 2020.**

Texto de resposta longa

**Agora escreva, o que a pessoa entrevistada espera para o futuro, para esse ano de 2021. \***

Texto de resposta longa

**Agora dê um nome para a história que você escreveu: \***

Texto de resposta curta

Muito bem! **PARABÉNS POR TER CHEGADO ATÉ AQUI!! VOCÊ É DEMAIS!** \*

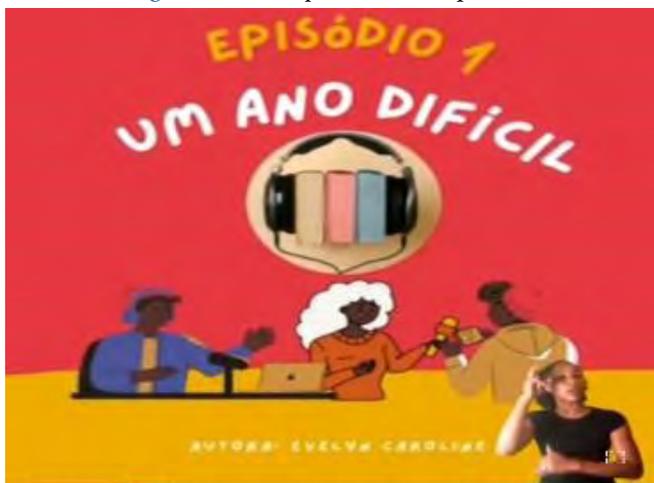
Até a próxima!

Fonte: Elaborada pela autora.

A fim de recuperar a liberdade criativa, copiamos as respostas dadas no formulário e enviamos aos alunos para que eles, em posse dessa estrutura básica do texto, pudessem terminar de desenvolver suas escritas. Realizamos inferências e sugestões para que o texto adquirisse textualidade e correção gramatical, de forma que a narrativa ficasse clara para os futuros ouvintes, sempre respeitando a autoria de cada um.

Por fim, solicitei aos estudantes que gravassem um áudio lendo o texto que produziram sobre os colegas, para começarmos a postar no canal do *YouTube* da escola. Criamos uma espécie de vinheta sonora e uma arte para nosso *podcast*. Semanalmente, postávamos os “episódios”, que eram compartilhados pelas crianças em suas redes sociais, alcançando não apenas os alunos, mas toda a comunidade escolar.

Figura 16 – Exemplo de *card* dos *podcast*



**Podcast#1 - Um ano difícil (LIBRAS)**

Fonte: *Podcast#1* [...] (2021).

Ao final das atividades propostas, os alunos sugeriram outras ideias, como a gravação de vídeos para o *TikTok* e a continuidade do grupo de *WhatsApp* para conversarmos sobre as olimpíadas.

Com o retorno do ensino presencial, começamos a adaptação da proposta de maneira mais efetiva para os demais alunos. Nessa perspectiva, promovemos a acessibilidade de todo o material em Libras, a fim de incluir um dos alunos especiais que começou a frequentar as aulas. Para que ele também pudesse compartilhar suas memórias com a turma, solicitei a ajuda da intérprete de Libras que trabalha na escola.

A equipe pedagógica da escola também sempre foi muito solícita e prestativa, vibrando e divulgando, nas redes sociais, cada etapa concluída. Ao final da realização dos trabalhos, a equipe gestora organizou uma cerimônia de entrega de medalhas para todos os participantes, convidando seus responsáveis para entregá-las durante o evento. Os alunos também receberam kits presente com material escolar; além disso, presenteei meus “atletas” com barras de chocolate. Foi um evento muito emocionante.

Retomando nossa epígrafe, podemos dizer que nossos alunos soltaram suas vozes pelas estradas virtuais, compartilhando travessias, vozes que nos atravessam preenchendo de sentido um período que foi extremamente desafiador para todos. Observamos que a proposição de um planejamento da escrita articulada à apropriação dos diferentes gêneros textuais trabalhados na trajetória proporcionou um crescimento nas habilidades de leitura e escrita dos participantes. O protagonismo outorgado a partir da ênfase nas memórias desses alunos contribuiu para a valorização da autoestima e para a compreensão de como esses sujeitos se inscrevem no tempo e no espaço em que vivem, como se inscrevem no mundo. O exercício de se colocar no

lugar do outro para construir uma escrita produziu empatia, ao perceber que o “outro” não é assim tão diferente, gerando também um exercício de alteridade, que é uma prática em falta, apesar de muito importante em nossa contemporaneidade. Nesse sentido, acredito que essa sequência didática favoreceu diversas aprendizagens aos estudantes e à professora.

Use os QR Codes para ter acesso aos podcasts dos alunos. Você poderá ter acesso a todos os podcasts disponíveis acessando o canal da escola.



Podcast#1 - Um ano difícil (LIBRAS)



Podcast #2 - As aventuras da Pandemia (Libras)

## 2.3 HÁ UM MICROMUNDO EM CADA PALAVRA

A sequência didática que apresentaremos a seguir estava inserida em um projeto desenvolvido pela Escola Municipal Charles Anderson Weaver, durante o segundo bimestre de 2022, denominado “O que fazemos com o planeta tem lógica?”. Esse projeto foi gerido pelos professores de Ciências e Matemática e buscou, entre outras coisas, trabalhar os “5 Rs da Sustentabilidade” como direcionamento para o período. Dentro desse contexto, enquanto professora de Língua Portuguesa do 7º ano, pensei em trabalhar os gêneros textuais “verbete” e “infográfico”, em uma proposta em multiletramentos que promoveu um diálogo interdisciplinar, além de incluir a reciclagem como ferramenta de revitalização do laboratório da unidade escolar.

Nossa escola está situada em Coelho Neto, território da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) do município do Rio de Janeiro. Os alunos dessas turmas têm, em média, 12 e 13 anos, são bastante agitados, gostam de dançar, cantar, tirar fotos e fazer vídeos para postar em suas redes sociais, assim como a maioria dos adolescentes nessa fase. Por vezes, nos deparamos com comportamentos inadequados ao ambiente escolar. Desse modo, a proposta da equipe docente e gestora em trabalhar por meio de projetos visava trabalhar também a empatia, a convivência, bem como facilitar aprendizagens de forma interdisciplinar.

## > PALAVRAS QUE CARREGAM UM PEQUENO MUNDO

A ideia central da proposta que elaboramos foi partir de uma palavra-tema para construir aprendizagens. A escolha dessas palavras deu-se em vínculo colaborativo com a disciplina de Ciências, sendo escolhidas palavras que fariam parte das aprendizagens da disciplina naquele bimestre.

Em conversa com o professor de Ciências, concluímos que o conteúdo programático consistia na citologia, progredindo para o estudo dos seres vivos pluricelulares. Nesse sentido, pedimos ao professor que relacionasse as palavras-chave de suas aulas para que, durante as aulas de Língua Portuguesa, pudéssemos ampliar o léxico dos alunos, construindo verbetes. Após a construção dos verbetes, passamos à produção artística dessas palavras, tendo o papelão como tela de pintura. Após a construção de cada verbete, os alunos construía objetos que materializavam as palavras investigadas.

Também observamos que o laboratório de Ciências da unidade escolar poderia ser revitalizado com os materiais produzidos pelos alunos, sendo o ambiente eleito para a exposição dos trabalhos artísticos que poderiam ser posteriormente utilizados como material didático para o desenvolvimento das aulas.

Assim, a proposta teve por objetivo facilitar a apropriação da leitura e da escrita de diferentes gêneros textuais, facilitar aprendizagem dos conteúdos gramaticais por meio do uso desses conteúdos durante a elaboração dos textos e promover a interdisciplinaridade, colaborando para a aprendizagem dos conteúdos referentes à disciplina de Língua Portuguesa e Ciências naquele bimestre. Além disso, a elaboração de objetos com papelão

fomentou a produção artística, estabelecendo diálogo também com as artes visuais.

Essa sequência didática teve a duração de um bimestre e foi realizada em oito etapas:

## >> Planejamento

Selecionamos as palavras-tema e solicitamos à direção a aquisição de material necessário para as atividades artísticas (tintas e pincéis). Também pedimos aos alunos que trouxessem papelão, além de solicitar aos funcionários da escola que reservassem as caixas oriundas de produtos e materiais que chegavam à unidade escolar e que, muitas vezes, eram descartadas.

Outros pontos importantes do planejamento foram a escolha dos gêneros textuais que seriam trabalhados, o diálogo com o professor de ciências e a organização dos espaços da unidade escolar que seriam utilizados no projeto.

## >> Apropriação do gênero textual “verbete”: “Tem um dicionário em minha aula”

Nessa etapa, levamos vários dicionários para a sala de aula e pedimos aos alunos que pesquisassem e anotassem o significado das palavras: alegria, empatia, amizade e amor. Após o registro, passamos à identificação, por meio da comparação com outros gêneros textuais, da estrutura do gênero textual “verbete”, sua finalidade e ambiente de circulação. Também desenvolvemos o hábito de pesquisar no dicionário as palavras que apareciam nos textos estudados cujos significados os alunos não conheciam.

Nesse momento, apresentamos à turma a proposta de criação de uma espécie de glossário virtual com palavras que faziam parte do léxico da disciplina de Ciências, para, posteriormente, elaborar produções artísticas que representassem fisicamente os verbetes elaborados. A produção do glossário seria consolidada no aplicativo Canvas, conhecido pelos *templates* gratuitos e pela possibilidade de criar *posts* interessantes para utilizar em redes sociais. Ao ouvirem a possibilidade de aprender a criar publicações para as redes, as cinco turmas abraçaram a ideia e começamos a trabalhar. Esse ponto foi uma das principais motivações dos alunos.

### >> **Uso pedagógico do celular em sala de aula**

Após a apropriação do gênero, a cada semana escolhíamos uma palavra para pesquisa. Para realizar as pesquisas, utilizamos como ferramenta a conexão à internet disponível na escola e os celulares dos alunos. Toda semana, eu deslocava as turmas para a sala de leitura, pois, nesse ambiente, a conexão possuía um sinal melhor. Além disso, o espaço favorecia a pesquisa em livros disponíveis na escola, caso os alunos não conseguissem o acesso. Com a palavra-chave em mãos, os alunos deveriam pesquisar em *sites* específicos os sentidos das palavras e, depois, elaborar uma aceção individual registrando-a no caderno. Também deveriam pesquisar as imagens que gostariam de reproduzir e registrá-las. Essa pesquisa orientada buscou, ainda, auxiliar os alunos a discernir *sites* confiáveis para navegação na internet.

**Figura 17** – Pesquisa na sala de leitura

Fonte: Acervo pessoal.

## >> **Verbetes colaborativos**

Depois de realizar a pesquisa, começamos a construção coletiva dos verbetes da turma. Os alunos traziam suas descobertas e construíamos um texto coletivo, que, como um quebra-cabeça, era elaborado de forma colaborativa com as informações colhidas durante as pesquisas. Isto é, um texto completava o outro de forma a construir um verbete com a acepção mais completa da palavra. Para essa construção, posicionei-me como escriba dos alunos, que ditavam os trechos de suas pesquisas; depois, em conjunto, organizávamos a versão final do verbete. Nesse contexto, atuei fazendo inferências sobre o texto, trabalhando a habilidade de revisão textual de forma coletiva.

## >> Vamos pintar?

Imprimi todas as imagens que os alunos selecionaram para servir de modelo para a construção dos objetos. Os alunos traçavam no papelão e depois pintavam com pincéis e tinta guache. Eles adoravam essas aulas de pintura. A princípio, usávamos as mesas da sala de leitura; depois, começamos a usar o laboratório, que se tornou um ambiente propício para essas aulas, pois possuía torneiras para lavar os pincéis e diluir a tinta. Construímos vários objetos grandes para serem expostos: diferentes tipos de célula com suas respectivas organelas e seres vivos uni e pluricelulares.

Figura 18 – Pinturas



Fonte: Acervo pessoal.

## >> Os 5 Rs da sustentabilidade

Ao longo do projeto, levei alguns textos com essa temática para os adolescentes interpretarem. Assim, trabalhamos o repensar, o recusar, o reutilizar, o reduzir e o reciclar. Depois, pedi que eles relacionassem o reapro-

veitamento que estávamos fazendo do papelão com os textos lidos. Assim, repensamos o uso do papelão, geralmente descartado, recusamos o uso de materiais novos como cartolina, reduzindo a produção de lixo, e reciclamos produzindo material didático para o laboratório.

## >> Glossário e infográfico da turma

Consolidadas as escritas colaborativas dos verbetes, começamos a elaborar os glossários da turma. Para isso, preparamos uma aula no aplicativo Canvas, no qual os alunos selecionaram os *templates* que mais agradaram, acrescentaram fotos da experiência e as escritas dos verbetes. Cada turma criou o seu glossário, que foi organizado por meio do infográfico, um gênero textual multissemiótico e de boa circulação nas plataformas digitais.

Figura 19 – Construção dos infográficos



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 20 – Infográficos e verbetes

## VERBETES EM CIÊNCIAS

Glossário 1701

**CÉLULA**

Unidade básica do corpo humano. Do latim "cella" que significa pequeno aposento.

**VOCÊ SABIA?**

A origem do nome do aparelho CELULAR vem da tipo de rede divididas em células. Esse aparelho foi criado em 1947 pelo laboratório Bell, nos Estados Unidos

**CÉLULA EUKARIOTE**

As células eucariontes têm como característica a presença de núcleo definido e verdadeiro

**CÉLULA PROCARIOTE**

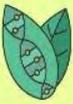
São células que não apresentam núcleo definido. Possuem membrana plasmática. São organismos unicelulares que não possuem o mesmo nível de complexidade interna se comparado às células eucariontes

**SERES UNICELULARES**

Um organismo é unicelular quando formado por apenas uma célula, como alguns tipos de fungos e algas.

**SERES PLURICELULARES**

São organismos formados por conjuntos de células, como os animais e as plantas.



**GLOSSÁRIO DA 1703**

# VERBETES EM CIÊNCIAS

**CÉLULAS**

É a menor unidade funcional da matéria viva.

**CÉLULA EUKARIOTE**

São Aquelas que possuem um núcleo verdadeiro. O material genético é envolto por uma membrana nuclear.

**CÉLULA PROCARIOTE**

São mais simples e não possuem núcleo verdadeiro. As bactérias e cianobactérias apresentam esse tipo celular.

**SERES UNICELULARES**

São seres que possuem uma célula, como por exemplo bactérias, fungos e protozoários.

**SERES PLURICELULARES**

Seres pluricelulares ou multicelulares são seres vivos que possuem várias células. Como os seres humanos, os animais e as plantas.



# Verbetes em Ciências

Glossário da 1705

**CÉLULA**

É a menor parte dos seres vivos. A maioria das células só pode ser vista pelo microscópio.

São células mais simples. Não possuem núcleo, nem mitocôndria.

**CÉLULA PROCARIONTE**

São células complexas que possuem núcleo e material genético. Estão presentes em muitos seres vivos.

**CÉLULA EUCARIONTE**

É um organismo de apenas uma célula. São exemplos as bactérias, os protozoários e alguns fungos e algas.

Seres unicelulares

**Seres pluricelulares**

Também chamados de multicelulares. São organismos compostos por mais de uma célula. Como por exemplo plantas, animais e algumas espécies de algas e fungos.

# VERBETES EM CIÊNCIAS

GLOSSÁRIO DA 1704

**CÉLULA**  
É a unidade dos seres vivos. Possuem membrana plasmática. São muito pequenas. Para se ter uma ideia o corpo humano tem "milhões" de unidades.

**CÉLULA PROCARIONTE**  
Quase não fazem parte de outros seres e não possuem núcleo. Possuem citoplasma.

**CÉLULA EUCARIONTE**  
Possuem uma estrutura mais completa. Possuem núcleo e integram muitos organismos.

**SERES UNICELULARES**  
São organismos vivos constituídos por apenas uma célula. Podem ser células procariontes, como as bactérias ou eucariontes como a ameixa.

**SERES PLURICELULARES**  
Na natureza chama-se de multicelular o organismo formado por mais de uma célula.

**Você sabia?**

**POR QUE O CELULAR TEM ESSE NOME?**  
O celular é um aparelho de comunicação. Esse termo foi escolhido porque o mapa das torres de transmissão que fazem essa comunicação acontecer parecem uma célula biológica.

**O QUE É UM VERBETE?**  
É um tipo de texto que contém a palavra com suas acepções, significados e explicações.

Fonte: Acervo pessoal.

## >> Um laboratório revitalizado

Por fim, iniciou-se a fase de ornamentar o laboratório com os objetos e glossários produzidos. Imprimi os glossários em um tamanho grande, como uma espécie de cartaz, os quais foram fixados, juntamente com os objetos de papelão, em todo o espaço do laboratório, tornando o ambiente amplamente educativo.

**Figura 21** – Laboratório antes da experiência



Fonte: Acervo pessoal da autora.

**Figura 22** – Laboratório após a revitalização



Fonte: Acervo pessoal.

## >> Avaliação e conclusão

A proposta foi muito produtiva e favoreceu diversas aprendizagens tanto em Ciências quanto em Língua Portuguesa. Especialmente em Língua Portuguesa, trabalhamos leitura, interpretação, apropriação do gênero textual, produção de texto, concordância verbal e nominal, o papel da pontuação na produção de sentidos do texto, entre outros conteúdos inerentes à

produção e à escrita de textos. Outras aprendizagens também foram alcançadas, como trabalhar em equipe; respeitar os turnos de fala e opiniões dos demais colegas; trabalhar de forma colaborativa para construir textos em que a multissemiose é constitutiva de sentidos.

Além disso, observamos muita motivação por parte dos alunos para desenvolver as etapas da sequência, inclusive entre os alunos mais indisciplinados. Um ponto interessante a ser destacado e que pode confirmar a construção de conhecimento é que, apesar de realizarem as mesmas etapas, cada turma construiu verbetes e infográficos sobre as mesmas palavras, mas totalmente diferentes uns dos outros. Outro ponto importante a ser relatado é que a escola, sobretudo por meio dos agentes educadores, se mobilizou positivamente para que uma das alunas, que é cadeirante, pudesse acessar todos os espaços utilizados, possibilitando sua plena participação nas atividades propostas. A avaliação foi de caráter formativo. Nesse sentido, a professora acompanhou as escritas individuais e coletivas realizando inferências a fim de favorecer aprendizagens.

É evidente que sempre podem ocorrer alguns impasses pelo caminho: indisciplina em alguns momentos, adaptação e adequação para o uso dos espaços escolares, conscientização do uso e manutenção dos materiais utilizados no projeto. Contudo, a experiência foi, sem dúvida, motivadora. Além desse ponto, houve um desdobramento interessante: os alunos produziram um documentário relatando como foi a experiência de revitalizar o laboratório de Ciências. Para tanto, sob minha orientação, elaboraram roteiro para as entrevistas, gravaram e editaram o vídeo, que está disponível nas redes sociais da unidade escolar.

Use o QRCode para ter acesso ao documentário produzido pelos alunos.



## 2.4 TIKTOK BIOGRAFIAS DA SEMANA DE ARTE MODERNA

A sequência didática que será apresentada a seguir foi realizada com alunos do 7º ano, na Escola Municipal Charles Anderson Weaver, território da 6ª CRE do município do Rio de Janeiro. A escola é cercada por comunidades carentes, e o público da escola reflete esse contexto social. Todos os anos, nossa escola realiza uma feira literária temática. Em 2022, a Semana de Arte Moderna completou 100 anos de realização, e esse foi o tema escolhido pelas professoras regentes para a feira daquele ano.

Meus alunos eram adolescentes entre 12 e 16 anos, e, diversas vezes, observamos o interesse deles na gravação de vídeos para o *TikTok*. O *TikTok* é uma rede social para o compartilhamento de vídeos curtos, muito popular entre os jovens e adolescentes, tendo alcançado maior visibilidade durante a pandemia de covid-19 que assolou o Brasil e o mundo nos anos de 2020-2021. Nesse contexto, observei que existe uma espécie de *TikTok*

de viés biográfico que objetiva, em poucos segundos, relatar pontos curiosos da vida de personalidades. Diante disso, busquei uma forma de aproximação entre o interesse dos alunos em aprender a editar vídeos para suas redes sociais e os conteúdos propostos para o ano de escolaridade e para a apropriação da leitura e da escrita de diferentes gêneros textuais, produzindo textos multissemióticos. Outra estratégia utilizada nessa sequência foi a gamificação, que consiste em uma proposta pedagógica que se utiliza de estruturas próprias de jogos e *games* para favorecer aprendizagens. Utilizamos *sites* e aplicativos com jogos *online* para auxiliar na construção de conhecimento de forma interativa.

Assim, essa sequência didática teve por objetivos: discutir e aprender sobre a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, como um marco na literatura e na produção artística brasileira; facilitar a apropriação dos gêneros textuais “biografia” e “autobiografia”; ampliar as habilidades de leitura e escrita por meio da construção de biografias sobre os principais artistas participantes da Semana de 22, de acordo com o ano de escolaridade, buscando facilitar a aprendizagem das regras gramaticais mediante a construção de textos significativos para os alunos. É importante destacar que os textos elaborados teriam interlocutores, ambiente de circulação e objetivos definidos, tornando as escritas significativas para os educandos.

## >> Planejamento

Nessa etapa, observou-se o interesse dos alunos e foi feita a organização dos materiais e espaços que seriam utilizados na unidade escolar.

## >> Olha o game!: conhecendo a Semana de 22

À época da construção dessa sequência, estavam acontecendo diversas reportagens especiais em virtude do centenário da Semana de Arte Moderna. Desse modo, optamos por apresentá-la aos alunos, em um primeiro momento, por meio do texto jornalístico. Baixamos vídeos de reportagens especiais sobre o tema que contextualizam o evento com a atualidade, com as produções artísticas atuais. Também trouxemos videoaulas curtas que apresentavam mapas mentais e contavam um pouco sobre o chamado “Grupo dos 5”, cujos membros se tornaram expoentes do evento.

Como forma de facilitar as aprendizagens, as atividades dessa etapa buscavam consolidar os temas discutidos por meio de jogos virtuais que envolviam o tema. Para isso, nos utilizamos do variado banco de jogos *online* sobre o tema, disponibilizado no *wordwall*<sup>1</sup>. Desse modo, assistimos aos vídeos, e, depois, dividi as turmas em equipes para responder ao *quiz* ou participar das outras modalidades de jogos disponíveis. A gamificação dessa etapa acelerou a aprendizagem do conteúdo e a ambientação dos alunos com a Semana. Essa etapa durou cerca de duas semanas de aulas intercaladas. Os alunos demonstraram bastante entusiasmo em participar das aulas. Após esse período, seguiu-se o registro, em seus cadernos, do que consideraram mais interessante, como uma espécie de resumo das aulas.

---

1 O *wordwall* é uma plataforma de elaboração e compartilhamento de jogos virtuais. De maneira intuitiva, os usuários podem inserir perguntas e respostas para que a plataforma elabore um jogo, empregando um dos modelos de jogos pré-definidos disponíveis no *site*.

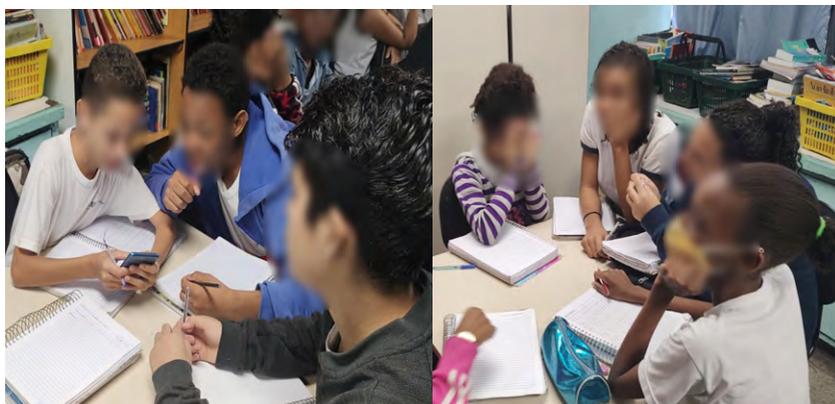
## >> Apropriação do gênero biografia

Depois dessa ambientação, apresentei aos alunos a ideia de fazer um *TikTok* biográfico sobre os artistas da Semana. Para isso, nos concentramos nos artistas que integravam o Grupo dos 5: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Menotti Del Piccha, Oswald de Andrade e Mario de Andrade. Contudo, havia seis turmas de 7º ano, motivo pelo qual incluí no sorteio o nome de mais um artista, o pintor Di Cavalcanti.

Levei algumas minibiografias para analisarmos em sala de aula, identificando a estrutura e as principais características desse gênero textual, e identificamos que o gênero trazia recortes que contavam trechos mais expressivos da vida das pessoas. Além disso, observamos outras características, como tempo verbal utilizado, diferentes finalizações para o texto, principalmente se o texto estiver se referindo a uma pessoa ainda viva.

## >> Vamos pesquisar?

Após as aulas que buscaram realizar a análise do gênero, pensamos em utilizar os celulares dos alunos para realizar pesquisas sobre os artistas selecionados. Para esse momento de pesquisa, sempre os levava para a sala de leitura, onde o sinal de internet disponibilizado pela escola era mais potente. As turmas elaboraram um roteiro para essa pesquisa, enumerando elementos que não poderiam faltar para a redação das biografias, como ano e local de nascimento, fatos curiosos sobre a vida dessas pessoas, local e motivo do falecimento além de homenagens que receberam em vida ou postumamente.

**Figura 23** – Alunos pesquisando na sala de leitura

Fonte: Acervo pessoal.

### >> Escrita individual

Com a pesquisa em mãos, cada aluno redigiu individualmente seu texto, produção que foi avaliada e o texto mais completo foi selecionado para revisão coletiva e gravação do *TikTok*.

### >> Trabalho colaborativo e revisão coletiva do texto

O texto escolhido pela turma foi reproduzido no quadro branco e coletivamente revisado na sala de aula. Também houve contribuições de outras escritas, completando as minibiografias com fatos que outros colegas encontraram e que porventura não estivessem no texto selecionado. Na medida em que ia realizando a leitura do texto com os alunos, fui fazendo inferências quanto a concordância verbal e nominal, pontuação, estrutura dos parágrafos e outros elementos constitutivos das narrativas.

## >> Vamos gravar um TikTok?

Com o texto produzido, partimos para a gravação dos vídeos. Para isso, utilizamos o espaço do auditório. Perguntamos aos alunos quais deles gostariam de participar das gravações, e cada aluno participante leu um trecho da biografia. Foi uma fase trabalhosa, mas muito divertida. Eles prepararam penteados, maquiagem, treinaram a leitura em voz alta e se organizaram quanto à apresentação oral das narrativas.

**Figura 24** – Vídeos produzidos pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal.

## >> Edição de vídeos

Nessa fase, organizamos a apresentação do vídeo, elaborando um esquema de imagens que poderiam aparecer para ilustrar as narrativas. Na sequência, realizamos a pesquisa dessas imagens para completar a edição dos vídeos. Desse modo, conforme os alunos iam lendo o texto, apareciam fotos e imagens dos artistas e de suas obras, criando uma produção textual multissemiótica. Outro texto multimodal elaborado nessa etapa foi a vinheta

que abria todos os vídeos produzidos. Toda a produção foi compartilhada nas redes sociais da escola.

### >> Releituras, retratos e caricaturas

Concluindo essa sequência didática, decidimos elaborar um cartaz com as biografias para ficar em exposição durante a feira literária. Para compô-lo, trouxe fotocópias do rosto dos artistas e sugeri aos alunos que criassem releituras, caricaturas e retratos a partir daqueles modelos. Os desenhos ficaram belíssimos, muito criativos e foram anexados ao cartaz expositivo juntamente com uma cópia impressa de cada minibiografia.

Figura 25 – Produção de caricaturas



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 26** – Montagem do cartaz expositivo



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 27** – Cartaz



Fonte: Acervo pessoal.

## >> A Charles dá seu rolê na Semana de Arte Moderna

Entre os dias 12 e 13 de abril de 2022, foi realizada a quarta feira literária de nossa escola, cujo título foi “A Charles dá seu rolê na Semana de Arte moderna”. Os alunos auxiliaram na organização dos espaços em que foram apresentados os cartazes, as exposições e os demais trabalhos, como poesias, *slam*<sup>2</sup> e esquetes. Dentre esses trabalhos também foram apresentados os vídeos produzidos pelas turmas. O espaço escolhido para a reprodução foi a sala de leitura. Após assistirem aos vídeos, as demais turmas da unidade escolar participaram de um quiz virtual, cujas respostas estavam no vídeo que os adolescentes produziram. Isso também gerou uma valorização da produção deles, que foi assistida com atenção por todos os alunos da unidade escolar, assim como por parte da comunidade escolar convidada a participar do evento.

**Figura 28** – Folder do evento com a pintura de uma aluna do 8º ano<sup>3</sup>. Alunos organizando a sala do Quiz



Fonte: Acervo pessoal.

- 2 O *slam* é uma modalidade de declamação de poesia inspirada no *rap* que, geralmente, possui um viés crítico-social.
- 3 Folder produzido por outra professora da unidade escolar.

## >> Avaliação

A avaliação foi de caráter formativo e realizada durante todo o processo. Os alunos demonstraram satisfação e interesse em realizar as atividades. Como sempre, questões de indisciplina ou atraso no cronograma previsto, por impossibilidade de utilizar os espaços da unidade, podem ocorrer, mas impasses também geram desafios, e desafios também podem colaborar para a construção de aprendizagens.

Você pode utilizar o QR Code para assistir aos vídeos produzidos no projeto.



## 2.5 SEMINÁRIO “AS CORES DO BRASIL”

O Seminário “As cores do Brasil” surgiu do intento de implementar uma cultura antirracista na unidade escolar, promovendo a investigação e a valorização de algumas personalidades negras históricas e contemporâneas. A proposta incluiu pesquisa sobre essas personalidades, escrita de fichas téc-

nicas, elaboração de retratos e bonecos em papelão e apresentação dessas produções em um seminário temático.

A sequência didática foi realizada com as quatro turmas de 7º ano da unidade escolar, entre os meses de agosto e outubro de 2022. Foi desenvolvida de forma interdisciplinar com as disciplinas de História, Artes e Ciências na Escola Municipal Charles Anderson Weaver, no município do Rio de Janeiro. Os objetivos em Língua Portuguesa buscavam ampliar aprendizagens em leitura e escrita, promover a apropriação dos gêneros textuais “ficha técnica” e “apresentação em seminário”, além de promover uma cultura antirracista no ambiente escolar.

### **>> Planejamento e apresentação da proposta para os alunos**

Nessa etapa, os demais professores e eu selecionamos algumas personalidades negras (artistas, escritores e cientistas brasileiros) cujas biografias seriam investigadas pelos alunos. Personalidades como Conceição Evaristo, Machado de Assis, Carolina de Jesus representaram a literatura. Milton Nascimento, Lázaro Ramos, Iza e os irmãos Rebouças também são exemplos de personalidades que foram estudadas.

Nesse período, também apresentamos a proposta do projeto para os estudantes que se interessaram em realizá-la. É interessante apontar que, em razão da regularidade em trabalhar com sequências didáticas e projetos, os alunos já esperam com certa ansiedade pelas próximas propostas, pois elas possibilitam visitar espaços dentro e fora da unidade escolar, fazer trabalhos artísticos e manuais, ou seja, proporcionam momentos diferenciados de aprendizagem. Por esses motivos, geralmente, os alunos são bastante abertos a tais propostas. Contudo, dentro do planejamento, sempre

há espaço para modificações, adaptações, ampliação ou exclusão de etapas motivadas pelo interesse dos educandos.

## >> O que é uma ficha técnica?

Nessa etapa, analisamos alguns tipos de ficha técnica, avaliando os elementos essenciais para sua elaboração, o que possuíam em comum. Posteriormente, esboçamos coletivamente nossa própria ficha, com o objetivo de orientar a pesquisa biográfica sobre as personalidades escolhidas.

Figura 29 – Ficha Técnica

FICHA TÉCNICA		
COLAR FOTO	NOME	
	ALTURA	
	NATURAL DE	
	PROFISSÃO/ ATIVIDADE	
NOME ARTÍSTICO		
RELEVÂNCIA CULTURAL		
CURIOSIDADE		
TRECHO DA OBRA		

**Estudantes:**

**Turma:**

Fonte: Elaborada pela autora.

## >> Pesquisa biográfica: uso pedagógico dos smartphones

Organizamos as turmas em equipes. Em cada equipe, pelo menos um dos alunos deveria possuir um celular ou *tablet*. Caso algum grupo não tivesse esses aparelhos, a professora emprestava um *tablet* para a pesquisa. Nesses momentos, trabalhamos também a competência de realizar pesquisas em *sites* e fontes confiáveis, evitando *sites* sensacionalistas, que nem sempre trazem informações corretas sobre a vida das pessoas.

Deslocamo-nos para a sala de leitura, pois, nesse espaço, a internet da escola tinha o sinal mais acessível. Os alunos pesquisaram sobre a vida das pessoas mencionadas, de forma a preencher as lacunas das fichas técnicas elaboradas, e selecionaram fotos para confeccionar os objetos de papelão que as representariam.

## >> Socialização da escrita

Depois de cada equipe elaborar sua própria ficha, houve um momento de socialização das pesquisas, de forma que todas as equipes de cada turma tiveram acesso às pesquisas dos demais colegas e registraram no material impresso que elaboramos para esse momento de socialização. Desse modo, toda a turma teve acesso às fichas e conheceram um pouco mais sobre a vida das personalidades escolhidas.

## >> Retratos e bonecos em papelão

Após o momento de escrita, utilizamos o espaço do laboratório de ciências para que os alunos criassem, com recortes, retratos e bonecos

representativos das personalidades. Cada equipe elaborou um boneco ou retrato a ser exposto no seminário temático.

**Figura 30** – Bonecos e retratos produzidos pelos alunos

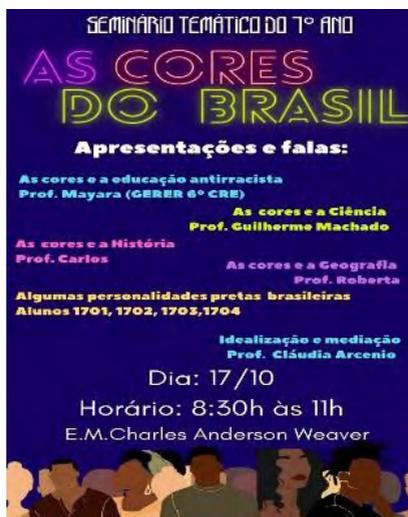


Fonte: Acervo pessoal.

## >> Dia de seminário, dia de socialização

Nesse dia, ornamentamos o auditório da escola com os materiais produzidos. Os professores de Ciências e de História trouxeram falas sobre o colorismo, a questão do negro no Brasil e sobre questões raciais. Também convidamos uma das integrantes da gerência de relações étnico-raciais de nossa região para fazer uma fala sobre a questão antirracista para os alunos. Também foi um momento de socialização das pesquisas dos alunos, que apresentaram suas fichas. Para essa apresentação, os estudantes organizaram suas falas, atendendo às características do gênero textual oral.

Figura 31 – Folder de divulgação do seminário



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 32 – Alunos se apresentando



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 33** – Foto panorâmica das apresentações no auditório

Fonte: Acervo pessoal.

## >> Avaliação

A sequência favoreceu diversas aprendizagens, dando protagonismo à pesquisa e às produções artísticas dos estudantes, bem como a possibilidade da apropriação de outros gêneros textuais orais de caráter mais formal, como o seminário. A ideia de se propor atividades de teor antirracista reforça o que pensamos sobre os papéis da escola na sociedade brasileira, contribuindo para a visualização das estruturas racializadas que perpassam nossos modos de ver, pensar e agir em sociedade. A valorização e o reconhecimento das personalidades em questão geraram identificação, ampliando as perspectivas de projeto de vida dos estudantes à medida que trouxeram representatividade de pessoas negras em vários espaços sociais, como nos campos científicos, políticos e culturais. A proposta foi tão motivadora, que tanto a professora quanto os alunos receberam medalhas no evento “Sexta Ler”, promovido pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Esse evento

procura socializar e valorizar práticas exitosas e diferenciadas desenvolvidas pelas escolas situadas no território da 6ª Coordenadoria Regional de Educação do município do Rio de Janeiro. Durante o evento, realizado na Lona Cultural de Guadalupe, mais uma vez, os estudantes tiveram a oportunidade de apresentar suas pesquisas, valorizando ainda mais suas produções.

**Figura 34** – Participação na Sexta Ler



Fonte: Acervo pessoal.



# ALGUMAS CONCLUSÕES

## 3.1 APONTAMENTOS FINAIS

Ao longo dessa obra, apresentamos diversas experiências vivenciadas em salas de aula em escolas das redes públicas do estado do Rio de Janeiro. De diferentes formas, buscamos nos inspirar na pedagogia dos multiletramentos para desenvolver sequências didáticas que tinham por principal objetivo facilitar a apropriação da língua escrita adequada aos anos de escolaridade. Para isso, nos utilizamos de diversos gêneros textuais que circulam em nossas grafocentradas sociedades contemporâneas.

Nesse sentido, pontuamos que o desenvolvimento das propostas teve como principais resultados:

- Maior engajamento dos estudantes, que se enxergaram como protagonistas em seus processos de aprendizagem;

- A ampliação das habilidades em leitura e escrita, observadas nas avaliações internas e externas das unidades escolares, bem como pelos demais docentes atuantes das escolas;
- O diálogo interdisciplinar, promovendo uma construção colaborativa com os demais professores, de modo a repensar formas de organização dos currículos trazer organicidade aos conhecimentos construídos durante os processos relatados;
- O reconhecimento enquanto práticas exitosas, outorgado pela maior rede da América Latina, a rede municipal do Rio de Janeiro. A sequência didática “Seminário Cores do Brasil” recebeu a “Medalha SextaLer de Práticas Exitosas”, e a sequência didática “*TikTok* Biografias da Semana de Arte Moderna” recebeu o “Prêmio Anísio Teixeira de Práticas Pedagógicas na Educação Básica”, ambos concedidos pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Além disso, procuramos trabalhar com os estudantes temas sensíveis e importantes para uma educação que aponta para a cidadania. Temas como antirracismo, sustentabilidade, valorização da produção artística, literária e cultural da humanidade estiveram presentes nas propostas, de forma a engendrar um ensino de leitura e escrita que pudesse dialogar com a vida das crianças e adolescentes, favorecendo e ampliando suas aprendizagens.

Desse modo, avaliamos que a realização dessas atividades contribuiu de forma significativa para a ampliação das habilidades de leitura e escrita dos alunos participantes e para a construção de uma prática pedagógica que busca dialogar com a vida de todas as pessoas envolvidas nos processos educativos.

## 3.2 E, PARA ENCERRAR, UM CONVITE

Foi durante uma das formações de que participei que desenvolvi o hábito de registrar práticas pedagógicas. Quantas coisas vivemos no espaço/tempo das salas de aula que podem contribuir e dialogar com as vivências de outros colegas? E como esses registros contribuem para minha própria prática? Repensar, adaptar, melhorar, pular uma etapa, desenvolver desdobramentos... Evidentemente, cada sala de aula é única, bem como as especificidades nelas deságuam. Todavia, há algo interessante no registro: pode inspirar outros, mas, principalmente, pode nos inspirar novamente, nos inspirar a não desistir.

No decorrer da escrita deste texto, observamos possibilidades de fazeres pedagógicos diferenciados em realidades periféricas, muitas vezes adversas e atravessadas por vivências, violências e ambientes desafiadores.

Ser professor é sempre um desafio. Somos desafiados pela realidade, pelo espaço onde atuamos, pelas condições de trabalho. Somos desafiados pela nossa formação, pelo tempo, pela nossa própria vida, que nos atravessa enquanto vivenciamos a sala de aula. Isso significa dizer que, quando encontramos um professor com suas práticas e vivências, elas não estarão desvinculadas de sua vida, do momento histórico irrepetível em que se realizam, um momento vinculado às travessias da educação e da vida do próprio professor ou professora. Relatar essas experiências é, portanto, o registro e a partilha de uma parte importante da minha vida.

Encerro essa obra fazendo um convite a cada professor/leitor (a), um convite à partilha, à escrita e ao plantar de novas e belas sementes. Estou ansiosa para conhecê-las.

# POSFÁCIO

*Renata Melo Rocha<sup>1</sup>*

Pensar o fazer do professor implica refletir as finalidades desse fazer nos cotidianos, assumindo, portanto, compromissos éticos e sociais. O protagonismo dado à experiência de uma professora e aos saberes advindos de tal experiência é o convite que precisávamos para um mergulho inadiável na essência do fazer docente. Dizeres freireanos recordam que os professores são sujeitos inquietos, inacabados, dialógicos e, assim sendo, intencionados à transformação de si mesmos e de suas práticas.

O material que temos em mãos apresenta diversas sequências didáticas fundamentadas na pedagogia dos multiletramentos. Mas o que isso significa? Essencialmente significa estar em movimento. Além disso, significa que não encontraremos respostas, e sim caminhos possíveis, desbravados por ações planejadas, a partir da escuta de múltiplos dizeres. Tendo como centralidade o trabalho com a língua como sistema plástico, flexível e representativo do contexto sócio-histórico, a autora, pesquisadora e professora debate a multiplicidade cultural e semiótica dos textos construídos dentro e fora da escola.

A obra está, pois, estrategicamente situada na prática pedagógica, estabelecendo inteligibilidade entre teoria e prática. Tem como eixo a responsabilidade em pensar os diferentes saberes docentes, presentes nas

<sup>1</sup> É mãe, professora da Educação Básica, atua como técnica da Secretaria Municipal de Educação em Nova Iguaçu e é professora regente e orientadora pedagógica. É doutoranda e mestre na área de Educação, desenvolvendo pesquisas acerca da formação de professores e alfabetização.

práticas pedagógicas cotidianas e, desse modo, legitimar tais saberes como essenciais ao fazer pedagógico. Afinal, o professor constrói-se na trajetória.

São esses os fios tecidos pela obra, que, como já anunciado, intenta o lugar do pensar. Trata-se da composição de atividades que abordam temas relevantes à contemporaneidade, partindo de gêneros textuais diversificados e que circulam em nossas sociedades. Aproxima-se do leitor quando escolhe contar as vivências de uma professora desafiada a auxiliar seus estudantes a se apropriarem de forma significativa da leitura e da escrita. São caminhos sensivelmente compartilhados com aqueles que também estão dispostos a caminhar, motivados pela inquietude e pelo desejo de conhecer e sempre fazer-se novo.

# REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.

ARAÚJO, H. M. M. O tempo histórico. *In*: SANTIAGO, Ana Maria. **História na Educação**1. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2010. p. 43-57.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Decreto-lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939**. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. Brasília, DF: Casa Civil, 1939. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del1190.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del1190.htm). Acesso em: 05 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1971. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm). Acesso em: 05 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 05 fev. 2025.

GATTI, B. A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 13, n. 37, p. 57-70, jan./abr. 2008.

HISTÓRIAS de Ananse. **Amazon**. [S. l.], [20--]. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3rias-Ananse-Adwoa-Badoe/dp/8576751356>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LIBÂNEO, J. C. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. **Revista Educar**, Curitiba, n. 24, p. 113-147, 2004.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo Revista de Ciências da Educação**, [s. l.], n. 8, jan./abr. 2009.

PODCAST#1 - Um ano difícil (LIBRAS). [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (1 min 42 s). Publicado pelo canal E. M. Prof<sup>a</sup>. Edyr Ribeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/@e.m.prof.edyrribeiro2673>. Acesso em: 06 fev. 2025.

ROJO, R. Diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

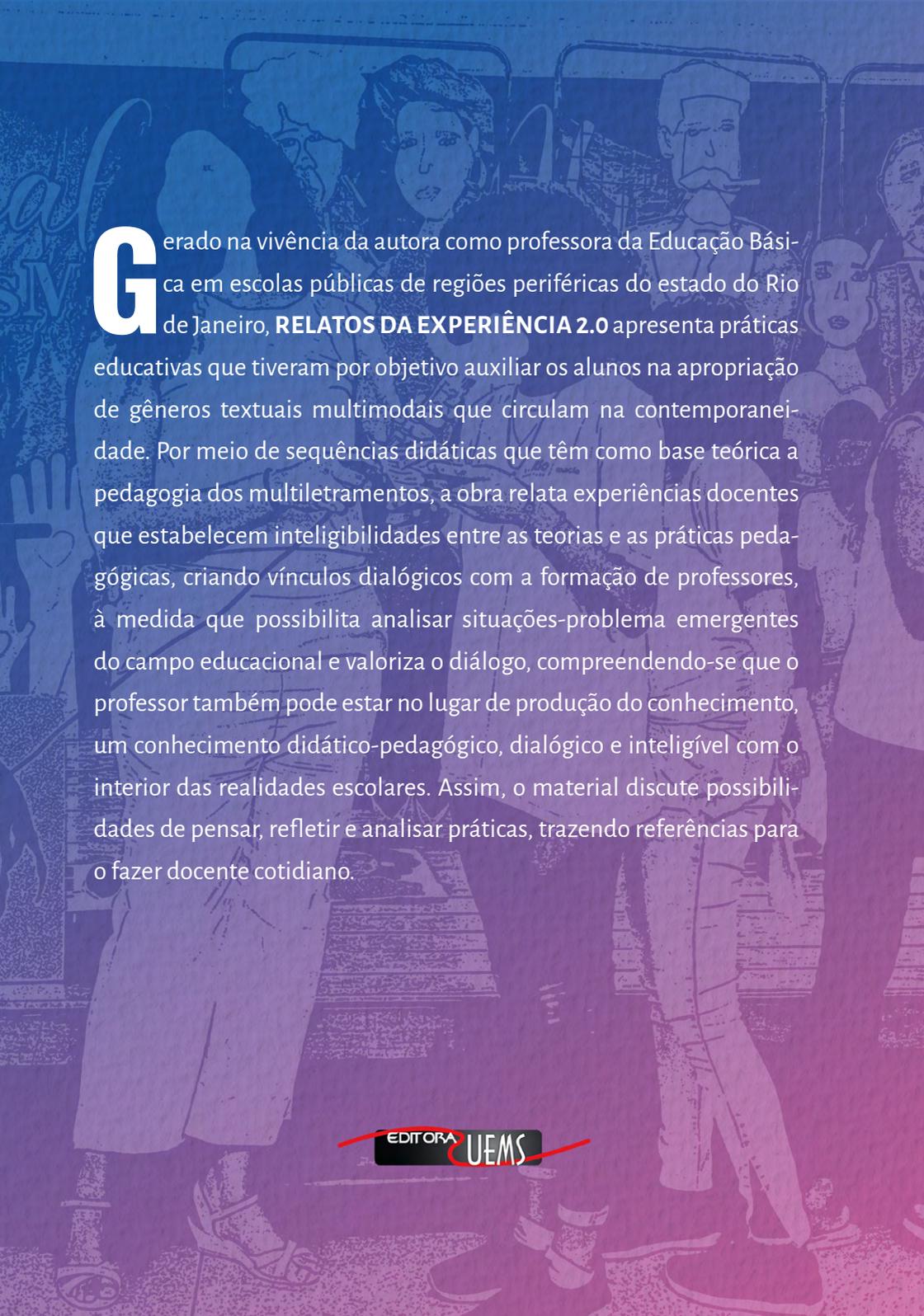
SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

TINGA Tinga Tales: introduction. **BBC**, UK, 14 jan. 2010. Disponível em: [https://www.bbc.co.uk/pressoffice/pressreleases/stories/2010/01\\_january/14/tinga.shtml](https://www.bbc.co.uk/pressoffice/pressreleases/stories/2010/01_january/14/tinga.shtml). Acesso em: 18 fev. 2025.

TRAVESSIA. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: F. Brant e M. Nascimento. *In*: TRAVESSIA. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: Ritmos-codil, 1967. 1 LP, faixa 4.

# SOBRE A AUTORA

**CLÁUDIA ARCENIO** é mãe, cristã, professora, compositora, pesquisadora, escritora e poetisa. É Doutora e Mestre em Educação Demandas Populares e Contextos Contemporâneos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, especializada em Alfabetização e Letramento, e graduada em Letras e Pedagogia. A autora recebeu Moção Congratulações e aplausos em 2014 por sua atuação como professora alfabetizadora pela Câmara Municipal de Nova Iguaçu, RJ. Recebeu da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro o Prêmio Anísio Teixeira de Práticas Pedagógicas na Educação Básica e a Medalha SextaLER de Práticas Exitosas. Em 2024, foi finalista do Prêmio Conceição Evaristo de Literatura da Mulher Negra, publicando seu primeiro trabalho como contista. É autora dos livros *Relatos da experiência: saberes compartilhados sobre o ensino de leitura e escrita*, publicado em 2020 pela Editora Autografia, *Entre ventos e paragens*, poemas de Cláudia Arcenio, publicado em 2023 pela Editora Patuá, e *Nas trilhas da memória: travessias femininas de letramento escolar*, publicado pela editora do Instituto Federal da Bahia em 2024.



**G**erado na vivência da autora como professora da Educação Básica em escolas públicas de regiões periféricas do estado do Rio de Janeiro, **RELATOS DA EXPERIÊNCIA 2.0** apresenta práticas educativas que tiveram por objetivo auxiliar os alunos na apropriação de gêneros textuais multimodais que circulam na contemporaneidade. Por meio de sequências didáticas que têm como base teórica a pedagogia dos multiletramentos, a obra relata experiências docentes que estabelecem inteligibilidades entre as teorias e as práticas pedagógicas, criando vínculos dialógicos com a formação de professores, à medida que possibilita analisar situações-problema emergentes do campo educacional e valoriza o diálogo, compreendendo-se que o professor também pode estar no lugar de produção do conhecimento, um conhecimento didático-pedagógico, dialógico e inteligível com o interior das realidades escolares. Assim, o material discute possibilidades de pensar, refletir e analisar práticas, trazendo referências para o fazer docente cotidiano.